



ELAS, ESCREVIVÊNCIAS A ciranda das catadoras



São Cristóvão- SE, 2025

ORGANIZADORAS:

ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO
E KATINEI SANTOS COSTA

COLABORADORAS:

ANA MARIA DOS SANTOS
ANA LÚCIA JESUS VIDAL
ELIANE SANTOS DE OLIVEIRA
MARIA JOSÉ DE JESUS SANTOS
MARIA LIDINEI DOS SANTOS OLIVEIRA
NÁDIA HELENA DE JESUS SANTOS
RENILDA DE JESUS SANTOS
SANDRA DIAS DOS SANTOS

Sumário

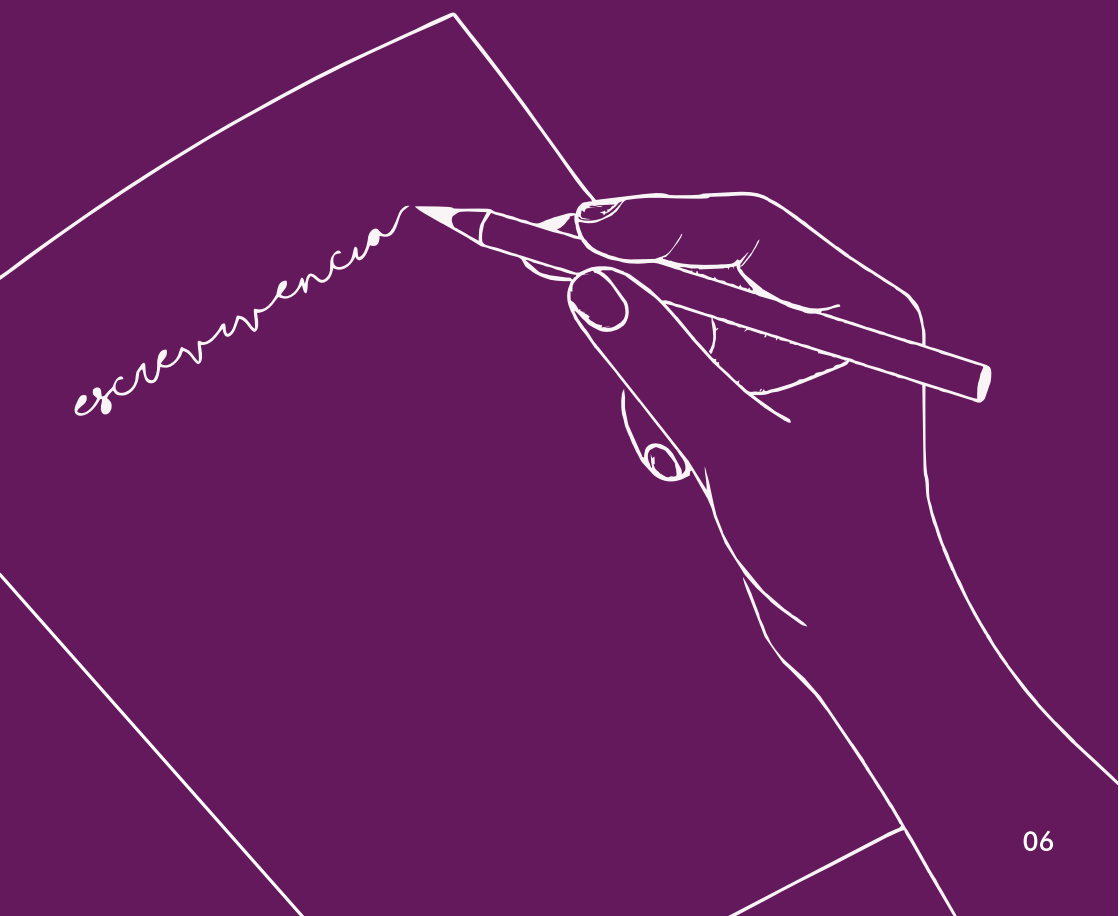
Apresentação.....	04
1. Escrevivências das catadoras.....	05
1. Mulher na ciência, a não linearidade da vida.....	07
2. O silêncio daquele lugar.....	09
3 A infância na vida adulta.....	11
4. Uma vida igual a tantas.....	13
5. O lugar onde vivo	15
6. Mulher, como vai você?.....	17
7. Permita-se escutar outra mulher.....	19
8. Quando só o silêncio fala.....	21
9. A mulher, a criança e suas escolhas.....	23
10. Escola, espaço de acolhimento às diferenças.....	25
11. Maria, Mariazinha, Mainha.....	27
12. Véspera de natal.....	30
2.Mulheres e seus Poderes de transformação. Qual é o seu poder?	32
Considerações finais.....	41

Apresentação

Este livro faz parte da atividade de extensão desenvolvida com as catadoras de materiais recicláveis do município de Cicero Dantas-Bahia, como produto pedagógico de conclusão do mestrado em Ciências Ambientais. A ideia se caracteriza no resgate da memória das mulheres que fizeram parte da pesquisa, no contexto da vivência de cada uma, retratando as histórias de vida, muitas vezes relegadas ao esquecimento, tolhidas de condição digna e desamparadas de visibilidade precisa. São mulheres artesãs da sensibilidade cotidiana imposta pela subjetividade social, sobreviventes das intempéries situações castigadas pela submissão, verdadeiras habitantes de territórios reais. Nesse acinzentado cenário, surgem as narrativas denominadas escrevivências, há uma composição de um painel de lembranças e vivências calcados no trabalho árduo, na pobreza e na exclusão. Apresentada por Conceição Evaristo, escritora, ativista, mulher e professora negra, a escrevivência traz para além das nossas fronteiras, a atração exercida pela escrita emocionada, que conjuga realidades sofridas com sentimento e lirismo, alimentando o interesse dos leitores por novas histórias. E assim como uma das personagens de Evaristo, no livro *Becos de memória*, ao questionar as histórias limitantes expostas nas escolas e pensar: “Quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. A vida não poderá gastar-se em miséria e na miséria” (Evaristo, 2006, p. 138-147). E desta forma, ter-se como inspiração, não apenas a leitura, mas a escrita, tornar escritora, escrever sobre a realidade, a vivência, como uma forma de protesto, de rebeldia e de sobrevivência da mulher. Desses fatos, o presente caderno traz memórias silenciadas pela sociedade eurocêntrica e capitalista que ouve apenas o homem branco e burguês, base do poder da desigualdade, construtor de mundos subalternos, colonializando pensamentos. Quantas Evaristo não há nesse mundo? Com suas histórias de vida que nutre o verdadeiro sentido do existir, faltando-lhe apenas acreditar que é capaz de construir o seu espaço

intelectual entre o ouvir e ser ouvida; entre a voz e sua vez de se expressar. Portanto, as narrativas presentes traduzem as histórias que foram contadas e vivenciadas pelas catadoras de materiais recicláveis, partícipes das rodas de conversas no finalzinho de tarde, aquecidas pelo pôr do sol, nos inspirando a transcrição das histórias, na qual a narradora pede licença, enquanto mulher, cis, branca, privilegiada, mas que ao mesmo tempo, assegura o seu lugar de fala, enquanto pesquisadora, mulher, educadora e mãe. À vista disso, a partir desse lugar de espectadora, busca compreender a vivência da mulher negra, da mulher catadora, da mulher mãe, enfim, do real lugar de fala de cada uma delas, tornando-se semeadora das vozes femininas, do desconhecido, do silêncio que agora fala.

1. Escrevivências das Catadoras



1. Mulher na ciência, a não linearidade da vida

Hoje, mais do que nunca se ouve “lugar de mulher é onde ela quiser”. Mas será que é tão fácil assim? Por mais que seja a vontade de algumas, que tenha havido, um certo avanço aos direitos das mulheres, há um grande percurso a ser trilhado até alcançar essa vivência. Assim, Joana pensava, presenciava e vivia.

Joana, vinda de uma família pobre, filha de um pequeno agricultor, que plantava mais para o sustento da própria família, já que só possuía um pedacinho de terra ao lado da sua simples casa de dois cômodos e um banheirinho improvisado do lado externo. Era assim que ela vivia. Sempre muito decidida, Joana tinha bem maior que as dificuldades a vontade de aprender, de conhecer o mundo por meio do estudo. Aluna de escola pública estudou nas escolas próximas, ou melhor, não tão próximas assim, da sua comunidade, concluiu o ensino fundamental. E agora? O que fazer? Pelos pais parava ali mesmo, ia ajudar sua mãe em casa e na lida da roça, talvez arranjar um pretendente desses trabalhadores, que enfrentam

o sol do nordeste como ninguém. Mas Joana não se conformava e buscava vencer esses, dentre tantos obstáculos.

Num finalzinho de um dia comum, Dona Filó, dona de uma fazenda próxima a casa de Joana, fazendo sua caminhada, passa na frente da casa, vê aquela menina-moça e logo cresce os olhos para cima dela, seria ideal para tomar conta dos meus filhos lá na cidade, pensou. E logo fez o convite. O pai de Joana, seu Antônio não queria aceitar, mas a mulher o convenceu, afirmando ser uma oportunidade para ter as coisinhas dela que por muitas vezes faltava.

Na semana seguinte, Joana partiu para a cidade, lá tudo muito novo, cuidou em se matricular à noite, pois durante o dia precisava trabalhar para que os filhos de dona Filó estudassem na



escola particular da cidade. Joana trabalhava o dia inteiro, fazia todo o serviço doméstico, apesar do cansaço ela cumpria sua obrigação diária, às vezes chegava a cochilar nas cadeiras, a qual, logo era repreendida pela professora.

Mas a vida não é linear, entre o sonho e a vivência muitas histórias acontecem. E Joana prestes a concluir o ensino médio engravidou de rapaz que, há pouco, tinha conhecido.

Planos alterados, as dificuldades cresceram, entretanto, ela concluiu o ensino médio, teve sua filha e continuou trabalhando. Passou o tempo, sete anos depois, surge uma oportunidade de realizar o ensino superior, agarrou com unha, dente e toda determinação possível. E de lá para cá, Joana nunca mais parou de estudar, hoje fazendo mestrado, sonha, ainda, com o doutorado, se divide todos os dias entre ser professora, mãe, esposa, filha, tia e estudante.

Essa última, a melhor parte da história, pois estudar, ler, conhecer, escrever são vivências únicas que ninguém as tiram, alimentando a alma, o vigor e o encanto pela vida.

Sim, ela se divide, a mulher na ciência nunca está apenas para a ciência, como ocorre com a grande maioria dos cientistas. Ela debruça em todas as esferas, sem deixar que nenhuma parte seja afetada, o peso patriarcal de criar e cuidar nunca libertou a mulher, seja ela o que quiser ser. Dentro dessa visão não significa que a mulher é menos capaz na produção científica, mas sobretudo, trazem vivências, subjetividades, experiências, que só elas detêm, tendo o poder de apropriar quando preciso e se desconectar quando necessário.

Portanto, ao ver uma mulher disposta a estudar a acolha, pois com certeza ela está vivendo um turbilhão de experiências, de dores e de abandono que a sociedade machista e capitalista visualiza e trata como “natural”.

2. O silêncio daquele lugar

Há lugares que são silenciosos e bonitos por natureza, mas nem todos são assim. Bem ali, ali mesmo, perto da sua cidade existe um lugar em que ninguém quer ficar por muito tempo, em que o barulho do vento não te encanta, o sol no dia com poucas nuvens parece ser bem mais forte do que o normal, é um lugar isolado, feito para ficar escondido. Não, não se trata de um campo de guerra, de uma mineradora como aquela que rompeu em Brumadinho, mas, é tão destrutivo quanto. Criado pelo ser humano como solução, alimenta a ilusão da sociedade que tudo está bem, quando tantos não estão.



O mundo cobra beleza, as pessoas têm sede de viver, muitas vezes viver de qualquer jeito e consume-se muito para isso. Tudo industrializado, a maçã vem na sacola plástica, o queijo vem no pratinho de isopor, o sapato comprado pela internet veio em quatro embalagens resistentes. E o que fazer com tudo, tudo e tudo que é produzido? Útil ou inútil?

Os animais ali presentes não são coloridos, são pretos, às vezes até assustadores, quando todos resolvem levantar voos de uma única vez. Muitos se esbarram nas mulheres ali camufladas com vestes escuras, capuz e tecido cobrindo o rosto na tentativa de se proteger do sol e de esconder o rosto de si mesmo. O desprezo pelo próprio corpo, a falta de higiene, de alimento e de água potável também é visível. Além do silêncio entre elas, pouca conversa, afinal não há muito o que falar, há muito mais o que fazer, para logo irem embora e deixar aquele lugar sobre o comando delas, as aves pretas. E quando um animalzinho colorido, ou melhor, caramelo, de olhos azuis, resolve surgir entre sacos plásticos, papéis. Restos de alimentos e vidros? Ou melhor, quando da esterilidade, surge a vida, como podemos definir essa história?

Caramelo foi o nome escolhido pelas mulheres que trabalham neste lugar. Repentinamente, numa manhã ensolarada, ao chegar no trabalho, as catadoras se deparam com um cachorrinho abandonado, poucos dias de nascido. Logo tocadas pela ação inerente à mulher, surge a primeira atitude de cuidado, dividem a água da garrafinha que trouxeram de casa com aquele animalzinho e recolhem dos rejeitos algo para alimentá-lo.



Afinal, viver a partir da existência do outro alça-se à solidariedade, coletividade e, principalmente, o amor. Apesar do lugar estranho, irregular e inabitável, por um tempo, já não o era tão silencioso, Caramelo vivia naquela redondeza tornando o dia daquelas mulheres um pouco menos áspero.

Um dia comum de trabalho, as mulheres seguem juntas debaixo do sol escaldante do Nordeste para seu destino. Ao trazerem água fria para caramelo, começam a chamá-lo, mas ele não atende, elas acham estranho, mas seguem com o seu trabalho. Não demora muito, veem os verdadeiros moradores daquele lugar em festa, ao se aproximarem, ali estava, um ser sem vida, caramelo, o único animal colorido que havia ali. Tristes, as mulheres refletem:

- Uma vida que surge na aridez desse meio ambiente, degradado pelo próprio ser humano, não sobreviveria por muito tempo. Tudo aqui é vulnerável.

3. A infância na vida adulta

Desde o nascimento, a mulher é condicionada a trilhar por limites e não apenas por uma pedra no caminho, mas várias e de todos os tamanhos. Menina veste rosa, menino veste azul, mesmo que não tivesse as cores nas roupas para escolher. Menina não pode brincar com menino. Vera Lúcia só vai estudar até aprender a ler, depois deverá ajudar sua mãe nos afazeres da casa. Assim foi a criação dessa mulher. Menina tímida, morava na comunidade chamada Queimada grande. Morava numa casa de barro, chão apilhado com cheiro de barro molhado que impregnava o nariz de quem os visitavam. Potes espalhados, pratos e canecas de barro eram o luxo daquela casa, afinal sua mãe Valdete era ceramista, fazia potes, bacias, gamelas para vender na feirinha próxima da sua comunidade, e assim tentar conseguir o alimento dos seus filhos. Mãe de oito filhos, cinco homens e três mulheres, havia um cansaço sobre-humano naquela mulher ancestral. Vera Lúcia, a quarta dos oito filhos, era encaminhada a cuidar dos menores, na escassez de tudo, se desdobrava a desenvolver esta missão, a qual, não havia pedido, mas que o “destino” lhe dera de presente.

Passado o tempo, Vera Lúcia, já mocinha, com seus quatorze anos, concluiu a quarta série e, como seu pai impôs, parou de estudar, visto que também naquela comunidade não haveria jeito de continuar os estudos, não havia escola, nem professora. Logo, em meio a tantas faltas, Vera Lúcia não mostrava felicidade, sempre séria, pouco sorriso e com o aspecto de mulher mais velha do que sua real idade, continuou ajudando a mãe na criação dos seus irmãos e nas atividades domésticas. Até que despertando para o namoro, eis que surge um “príncipe encantado”. Não, não critiquem porque era assim que aprendíamos nas poucas leituras ofertadas nas escolas. Toda mulher precisava de um príncipe encantado e, na verdade, nunca aparecia. Hoje, sabemos que de tão encantados, eles jamais existiram.

Mas, Vera Lúcia encantada pela história em que a gata borralheira vira princesa, logo se vê apaixonada, breve namoro, logo se casam e vão dividir juntos os dias e as faltas, essas em abundância. E assim aconteceu.

Não, este não é o fim, muito menos faltou a criatividade, contudo pela repetição do enredo, esta história se encerra aqui. Por que na vida da mulher a continuação do ciclo de vida é quase certo, de mãe para filha, de comunidade para comunidade, de analfabetismo para analfabetismo. Exceto, se houver histórias de superação de representatividade que as libertem.

4. Uma vida igual a tantas

Numa manhã comum de uma terça-feira, Vênus, como faz todos os dias, levantou cedinho, pôs a água do café no fogo e cuidou em acordar as crianças para ir à escola. Sua filha adolescente levante de mal humor, com pouco ou nenhum querer em ir à escola. Mas, Vênus com sua sabedoria, rapidamente, diante das palavras proferidas, à força:

- Ou você irá para a escola ou segue comigo para o trabalho me ajudar na reciclagem? Pois, sempre lhe digo, que para pobre só existe um jeito de melhorar de vida, através dos estudos, caso contrário terá uma vida igual a minha. Logo, mesmo com cara de poucos amigos, Filó trata de se arrumar e segue na busca de um outro futuro. Os dois netinhos que também vivem naquela casa, ao contrário de Filó, espertos e ansiosos pela escola, em rever os amigos, brincar e comer a merenda. -Logo hoje, terça-feira, que é cachorro quente. Levantam rapidamente, faz uma menção de limpeza, calçam as sandálias e correm para esperar ônibus. A avó ainda, tenta fazê-los tomar um pouco de café, mas eles se recusam, por que não tinha pão, apenas o café preto e alguns farelos de pão, farofa de três dias anterior, no fundo do pacote. Neste momento, o silêncio se faz presente naquela humilde casa localizada no alto do Biscoito, nome popular do bairro. Vênus, sente-se um pouco mais aliviada de vê-los seguir para a escola, pois ela bem sabe que sem estudo, tudo é mais difícil. Toma um gole de café preto, coloca umas roupas de molho na bacia e às pressas, como sempre, vai ver o que tem para fazer o almoço. Na vasilha de manteiga, feijão em caldo, uns ovos na porta da geladeira. Uma geladeira usada que ganhou das freiras, mas que ainda serve. Viu também que tinha farinha e uns miúdos de galinha, respirou fundo e logo tratou de cozinhar para deixar a comida pronta para quando retornassem da escola.

Como toda mulher dona de casa, sabe-se que o tempo passa depressa, principalmente pelas manhãs. E assim, quando percebeu já eram oito e quarenta e cinco, às pressas se apossou de um boné, encostou a porta e seguiu o seu destino. Ou seria sina?

No caminho, os pensamentos são rápidos como ela, a ida ao lixão embaixo daquele sol, às vezes a faz sentir sede, transpira muito e até mesmo sente náuseas, mas sempre com passos firmes e cabeça erguida, ela responde a si mesmo: - É melhor trabalhar que pegar coisa dos outros.

Já no trabalho, junto com outras mulheres, faz em silêncio o seu papel, mergulha no mar de resíduos e retira daquela cata o que poderá ser reciclado ou até mesmo reutilizado por alguém. Horas de silêncio, agora não mais ela, mas daquele ambiente distante da vida em abundância, ao contrário, ali se faz presente tudo que é efêmero, de descarte, de inutilidade e total desapego à mãe natureza. Esta, dificilmente é lembrada pela sociedade, a não ser quando entope os bueiros e as águas retornam às suas casas.

5. O lugar onde vivo

Depois de um tempo, a mulher aprende que o lugar que se vive a define socialmente, ou seja, terá privilégios ou não. Será aceita ou excluída na sociedade. E foi assim que Dona Laíde também aprendeu. Mãe de nove filhos, negra, indígena, assim que foi morar com José deixou a comunidade Banzaê e veio para Cícero Dantas, uma cidade próxima. No início sentia muita falta da tribo, costumes e familiares, mas com o tempo se adaptou à vida distante, até porque chegaram os filhos e tempo para melancolia não mais existia.



Hoje moradora da comunidade Cascalheira, afastada do centro da cidade e de vizinhos na própria comunidade, mora no alto, ao lado de uma capela abandonada, próxima a casas de noras e filhos. Bem recente não havia iluminação pública e muito menos calçamento, hoje essa comunidade já conta com esses itens necessários e as três casas desses familiares indígenas foram retiradas da escuridão, realidade que não impede a segregação.

Dona Laide nunca conseguiu trabalhar fora de casa, nunca houve oportunidade, muito menos convite. Desta forma dependendo apenas do marido, que fazia bicos como pedreiro, no sustento dos filhos, decidiu em uma manhã acompanhar sua comadre Terezinha ao lixão da cidade e saber como era o trabalho de reciclagem.

-De início fiquei um pouco assustada com a quantidade de resíduos, de urubus e do mau cheiro que havia naquele ambiente, principalmente quando chegava o caminhão do abatedouro de frango. As penas e os restos das galinhas, quando exposto ao sol torna insuportável o odor. Mas logo superei àquele estranhamento e vi que não era tão ruim assim, ao menos poderia ajudar o meu velho com algum dinheiro.

No dia seguinte, assim que a família se dissipou, ela voltou ao lixão, agora já levava sacos grandes para coletar e guardar a sua reciclagem, e desse dia em diante nunca mais Dona Laide parou de trabalhar. Hoje, o marido e os filhos a acompanham nessa luta diária de sobrevivência.

Entre vivências e histórias, dona Laide fala sobre o medo que tem em perder seus filhos para a violência e o preconceito. A maioria ainda jovens, apenas dois estão mais tranquilos, os casados.

Eles gostam de ficar na calçada, mexendo no celular, conversando, mas todos os dias as polícias sobem aqui para amedrontá-los. Esses dias, quando fui para o lixão, eles chegaram invadiram a minha casa revistaram os meninos viram que não tinha nada de estranho e foram embora. Não precisa ter motivo para eles invadirem as casas, fazer os meninos entrarem, basta saber de onde eles são, periferia, pretos, descendentes de indígenas e filhos de catadores, para o poder isso é o bastante.

6. Mulher, como vai você?

Às vezes, vivemos como se fôssemos uma personagem de filmes de super heróis, não paramos para respirar, olhar para dentro e perguntar, como estou? quem sou? E na atribulação da vida esquecemos de nós mesmas. Foi assim que iniciou o diálogo com dona Terezinha, mulher franzina, miudinha, cabelo sempre preso com o coque e uma presilha colorida, que se autodeclara uma mulher negra, a qual me diz ter muito orgulho da sua ancestralidade, simples, humilde, mas nunca, segunda ela, triste, pois é grata pela família e o pão de cada dia.

Dona Terezinha, conterrânea de São João da Fortaleza, comunidade quilombola, ainda não registrada, veio para a sede da cidade assim que teve seu segundo filho, José Carlos. A vida já não era fácil na comunidade e como seu segundo filho tinha muitos problemas de saúde, a estrada muito ruim, longe da cidade tinha muita dificuldade de levá-lo ao médico, motivo pelo qual veio morar em Cícero Dantas, na comunidade Cascalheira. Hoje, dona Terezinha com 46 anos, mãe de cinco filhos, dois homens e três mulheres, relata, com os olhos d' água as memórias que viveu. Tempos difíceis, passando até fome, frio e por muitas vezes, dependente da



ajuda dos outros. Nestas condições, vivendo numa comunidade periférica de pessoas também carentes de recursos, logo foi chamada a ir para o lixão recolher materiais recicláveis e quem sabe até, conseguir algum material útil para seus filhos. E assim, está até hoje, trabalhando no lixão como catadora de materiais recicláveis.

Com histórico bem comum às mulheres, dona Terezinha foi deixada pelo marido, assim que teve seu quarto filho, pois o caçula da família é fruto de um outro relacionamento. Desta forma, entrando para a estatística de mães solas, um papel difícil e de entrega total da mulher. Fã de Roberto Carlos, conta que não perde um show de final de ano na rede globo e que se emociona, pois remete a memórias afetivas de quando mais jovem, tempo que sente saudade e que não voltará mais. Eis que por um minuto, surge na memória a letra da música e começa a cantar.

-Como vai você?

-Eu preciso saber da sua vida

-Peço alguém pra me contar sobre o seu dia...

Às vezes, só precisamos ouvir este questionamento, que parece tão simples, mas traz consigo um significado de interesse pelo outro, de saber como está, de zelo, cuidado e amor. O que por muitas vezes, a mulher é esquecida tanto na sociedade, quanto pelos próprios filhos, companheiros e amigos, visto que dentro de uma visão machista de naturalização do esforço da mulher dona de casa, doméstica, mãe e catadora, não cabe sequer o interesse na sua subjetividade humana, como se ela não fizesse mais que a obrigação. E por meio de tanto desinteresse social, muitas tornam-se invisíveis. A mulher esqueci de si, não se reconhecendo como ser identitário de direitos à qualidade e melhoria de vida humana.

E assim dona Terezinha nos revela que apesar da letra da música alertar.

-Não deixe tanta vida pra depois.

Foi justamente o que ela fez até aqui, se doou, serviu ao outro, ao mundo, ao trabalho e esquece de si.

7. Permita-se escutar outra mulher

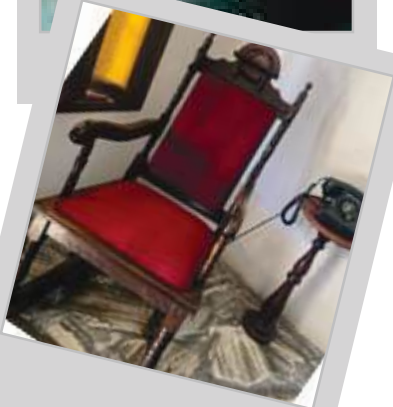
Quem tem avó, tem tudo, quem nunca escutou essa frase. A palavra avó deveria ser substituída por doçura, amor, aconchego ou eternidade. Porque elas deveriam ser eternas, vocês não acham? Assim Beatriz pensava.

Menina alegre, mas muito tímida, no auge dos seus treze anos, vivia com sua mãe e seus três irmãos. O pai vivia pelo mundo, era vendedor ambulante, comercializava redes, cadeiras de balanço e chapéus, na verdade o que encontrasse ele vendia. Rivaldo era sabido e com muito esforço mantinha o sustento dos filhos.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por Bia e sua família, ela era agradecida pela existência da vó Nenê.

Mas quem era vó Nenê? Uma senhora de oitenta e dois anos, mãe de oito filhos e avó de doze netos, viúva há muito tempo, foi uma das primeiras moradoras da cidadezinha do interior da Bahia, chamada Bom Conselho. Sempre muito ativa, vó Nenê aos quarenta e dois anos perdeu sua visão por conta de uma doença, até hoje, desconhecida, foi um momento muito difícil, enquanto mãe e dona de casa, mas aos poucos se refez e adquiriu uma nova habilidade para passar o tempo, utilizando seu dedal, a partir do algodão confeccionava fios de linha que logo eram utilizadas na arte do crochê e do tricô. As mulheres se encantavam com suas produções.

Passava dia após dia, num balanço cotidiano daquela cadeira, que ficava no canto da sala de um longo corredor com piso vermelho, bem cuidado, cor sangue, dava para os quartos e cozinha.



Vó Nenê, em alguns momentos, até parecia um móvel da casa para aquelas que não se permitia escutá-la, ou seria uma estátua de deusa africana?

Cabelo branco, corpo franzino, descendente de pais negros que foram escravizados, sempre atenta, conhecia os passos de muita gente que adentrava sua casa, inclusive de Beatriz, sua neta. A menina estudava o sétimo ano do ensino fundamental na escola próxima a casa da avó. Sempre que tinha um momento livre corria para os braços aconchegantes dessa senhora sábia de contar histórias de vida. Em uma sacola plástica continha sempre uns biscoitinhos de coco para agradar as crianças que ali chegavam. Contar histórias era para ela um momento de vida, de protagonismo, sua memória era impecável, recordava-se de quando era menina e com o semblante de paz narrava acontecimentos que continham tristeza, violência, perdas, mas também histórias de amor e de superação.

E assim costurando suas histórias e tecendo seus crochês, Vó Nenê que não enxergava com os olhos, mas com o coração viveu os últimos anos de sua vida, sendo para Beatriz um exemplo de mulher que a educou por meio de sua ancestralidade, do exemplo de fé e humildade. Afinal, a mulher se constitui a partir de muitas outras mulheres, ouvi-las, as tornam inesquecíveis, como deve ser toda alma que fortalece histórias de vida e superação.

8. Quando só o silêncio fala

Das muitas coisas
Do meu tempo de criança
Guardo vivo na lembrança
O aconchego de meu lar
(P. Zezinho, 1990).

Marta e Maria são irmãs com idades muito próximas, filhas de lavrador e dona de casa, moram no povoado de Cicero Dantas, conhecido como Lagoas. Dentro da simplicidade, comum àquele lugar, as meninas viviam felizes, os pais simples, mas muito carinhosos viviam para as meninas. Com muito zelo elas saíam apenas para escola no vilarejo próximo e para a catequese aos sábados pela manhã. Sempre muito unidas, Maria e Marta não se separavam. Naquele tempo, poucos lares tinham televisão, mas logo o dono de uma bodega conseguiu comprar um aparelho preto e branco e de tela minúscula, mas era a grande novidade. Em tempos de desinformação, assistir ao jornal era um evento extraordinário. E assim, quase todas noites, os pais de Maria e Marta iam até o vilarejo assistir à programação, conversavam, saboreavam cocadas e tomavam café, logo vinham embora pela estrada de barro iluminada pela lua que se destacava naquela paisagem.

Tempo de paz, não se falava em assalto ou qualquer outra maldade do homem, mas de bicho papão, lobisomem, quando quaresma, raposa quando adquiria a raiva e alma penada, quando ficava vagando no mundo. Quase um ritual, a família vivenciava a rotina noturna, até que numa noite de lua cheia, enquanto seus pais assistiam o jornal, resolveram passear, sempre de mãos dadas, pelas casas vizinhas. Neste momento, Marta sentiu algo lhe puxando para um corredor entre uma casa e outra, muito assustada, tentou resistir, mas a força era maior, ainda sem compreender, sua boca é tocada por outra boca entre pelos e saliva, físico à amostra, seu vestido de repente fica mais curto.

Sua irmã Maria, por um instinto puxa sua irmã que se debate contra o lobo mau, até conseguirem sair correndo e voltarem para o aconchego de seus pais.

Sem entender muita coisa, as meninas sabiam que não era noite de quaresma, portanto não seria um lobisomem, mas um homem, simplesmente um homem que trabalhava durante o dia com o pai na lavoura e justamente, naquela noite, estava mais lobo. Por muito tempo, Marta teve pesadelos, às vezes chorava só de imaginar, o que teria acontecido se sua irmã não estivesse ali para libertar das garras do mal.

E assim, o tempo passou, tudo continuou como antes, aquele homem continuava a frequentar a casa de seus pais e cada vez que Marta o encontrava sentia-se trêmula e enjoada. Numa jura de amizade entre as irmãs esse segredo nunca foi confidenciado, até porque na maioria das vezes é isso que acontece, quando só o silêncio fala.

9. A mulher, a criança e suas escolhas

A mulher dona do seu próprio corpo, entre as escolhas e a vida. Para Lucy, entre tantas outras mulheres, nem sempre foi assim. Lucy no auge dos seus dezenove anos sai da roda da saia de sua mãe e vai para São Paulo trabalhar, sair da miséria que o Nordeste representava. Pais humildes, negros, moravam numa casa na periferia, alimentação regrada, zero conforto, o pai eram catadores de papelão, o que também, enquanto jovem causava um certo desprezo e vergonha pela profissão do pai.

Ao chegar em São Paulo, anos oitenta, não demorou muito para conseguir um trabalho, visto o período do avanço da industrialização e da necessidade da mão de obra barata, então como faxineira, alugou um cômodo e foi viver a vida. Num dia desses de diversão, conheceu um rapaz muito simpático, branco, galanteador, também do interior do nordeste. Caminhos cruzadas, bom bate papo, claro, houve o envolvimento entre os dois. Nada muito sério, mas sempre que possível se encontravam.

Como tudo é mais difícil para a mulher, principalmente para a mulher negra, os encontros aleatórios se transformaram na angústia de uma suposta gravidez. E agora, o que fazer? Neste caminho, a mulher vê seu corpo ser tomado pela transformação física, hormonal juntamente com o medo, a insegurança e a vulnerabilidade. O que fazer com o sonho de melhorar de vida? Como sobreviver com um filho na cidade grande? Quem empregará uma grávida? Nesse turbilhão de questionamentos, a decisão nunca é da mulher, o corpo já não responde ao querer da dela, mas a biologia feminina de gerar uma vida.

E assim aconteceu, de encontros casuais a encontros cada vez mais difíceis, veio dividir o mesmo ambiente com o pai do filho. Pisoteada pelo machismo na fragilidade de uma mulher, Lucy resistia, a criança nasceu, ela amamentou, cuidou como podia, mas afastada de toda possibilidade de obter recursos, do desprezo do seu par, um dia tomou a decisão de deixar para trás o seu filho.

Em volta a uma banheira, colocou cobertas, e sem olhar para traz o deixou. Saiu e não bateu a porta para não o acordar. Logo, no final do dia, o pai retornou do trabalho, quando escutou o choro daquela criança de apenas oito meses de vida. Chama por Lucy, no intuito de se livrar do problema, mas ela não aparece, até que vê um bilhete em cima de um móvel, que o avisava: - De agora em diante o filho é seu, só seu.



Ainda, em estado de choque, sabia que precisa de uma mulher, logo procura um celular fixo e liga para o povoado onde sua mãe morava. Assim que consegue falar a avisa que trará a criança para que ela tome conta, e assim o fez. Entregou o filho à avó e retornou para São Paulo. Dora, mãe de oito filhos, já cuidava de três netos e agora cuidaria de mais um, esse um pouco diferente dos demais, como diziam os curiosos, mais escurinho. E assim, ele viveu.

Entre amigos, jogava bola na rua, ao anoitecer, as mães dos amigos vinham buscá-los, mas ele? Ele, não. Poderia até esquecer de ir embora, que falta não faria, cuidados básicos, como alimentação, escovar os dentes, banho, deveres escolares, vacinação não havia. Dia das crianças, natal, aniversário, sempre foram datas muito tristes, faltava algo, que ele não identificava, mas sentia profundamente, e por muitas vezes chorou. O menino da história não foi abandonado apenas uma vez, mas por diversas vezes na ausência da mãe, do pai e da própria vida.

10. Escola, espaço de acolhimento às diferenças

A mulher ao se tornar mãe sonha com o melhor para seus filhos, e para elas o melhor caminho é através do estudo. Ir à escola até determinada idade é uma festa para a mãe e para a criança. E foi assim que aconteceu com José, menino tímido, reservado, negro ao mesmo tempo, trazia traços indígenas, sua mãe era catadora de material reciclável do município de Cicero Dantas, Bahia. Assim que completou a idade de ir a escola, sua mãe o levou, passou pela creche, ensino fundamental anos iniciais, chegando ao sexto ano, apesar das grandes dificuldades que ele apresentava.

Normalmente, neste período de estudo, além de mudar de ano, muda-se de escola, e foi justamente, o que aconteceu. José mudou de escola, tudo muito novo para ele, afinal a escola anterior conhecia a sua realidade e o ajudava, mas ele enfrentou. Logo nos primeiros dias, sentiu o impacto dos desprezos de alguns colegas, mas achou que fosse normal. Com o passar dos dias, o desprezo se tornou em ação, José estava sofrendo bullying, algo que naquele tempo não era conhecido com essa nomenclatura, mas já o existia. Ser negro, indígena e pobre tornou-se um prato cheio para usarem termos racistas, classistas e de exclusão contra ele, afinal, ali estava o diferente. Trabalhos em grupo nunca era convidado, a professora sempre tinha que intervir. Ao chegar à escola era recebido por um grupo de meninas e meninos que cantavam: *-Negro preto do sovaco fedorento, rala a bunda no cimento pra ganhar mil e quinhentos. Ou ainda, escrito no banheiro termos como, José, macaco tem que está na floresta comendo banana.* José danone podre, porque descobriram que José na ânsia da sua fome, tinha experimentado um iogurte que estava vencido. Diante dessa realidade, a escola às vezes os chamava e buscava atenuar aquelas agressões, passava um período, mas logo retomavam com outros vocábulos depreciativos com aquele que trazia na pele a diferença. Ao descobrirem que sua mãe trabalhava na cata de materiais recicláveis, as “brincadeiras” se tornaram ainda mais imperativas. Brincadeiras? Sim, era assim que a comunidade escolar concebia atitudes constrangedoras como essas, naquela época.

O despreparo dos profissionais, bem como a prática centrada no professor, dificilmente parava para ouvir o aluno e, assim, os adolescentes e os jovens viviam o pesadelo das agressões verbais e físicas contidas no bullying. José, muitas vezes chegava na escola com fome, sem ânimo para estudar e, por diversas vezes, foi interpretado como aluno preguiçoso, desinteressado. Filho de pais analfabetos, nunca teve acompanhamento em casa, na escola vivia a exclusão diária por colegas e por professores, a fome, a calça curta que havia sido do seu irmão mais velho e o único sapato estava furado, mas, esses pequenos detalhes jamais poderia ser empecilho para a sua aprendizagem. Afinal, já dizia a voz da meritocracia, para aprender, basta querer.



Entretanto, para José não foi assim, mal concluiu o ensino fundamental anos finais, abandonou a escola e foi trabalhar. Adivinha onde? Na reciclagem com sua mãe. Hoje, homem feito, não traz um alto grau escolar, mas adquiriu com o tempo, certo grau de defesa à perversidade da vida, relatando a sua mãe, que seu verdadeiro sonho, sempre, foi fazer uma faculdade. Porém, “o sonho só alimenta até a hora do almoço, na janta a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço da minha vida, na manhã de minha vida, e hoje, no jantar, eu só tenho fome e a desesperança” (Evaristo, 2013, p. 74). Para alguns realizar sonhos não é tão simples assim. E por muitas vezes, são as próprias estruturas sociais que destroem sonhos, como aconteceu com José.

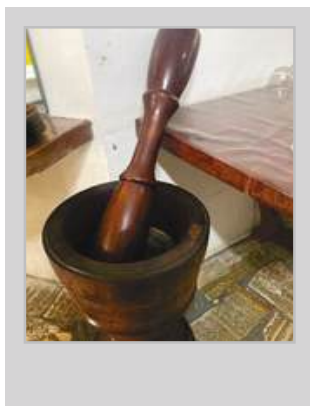
11. Maria, Mariazinha, Mainha

Dona Maria. Para os íntimos, dona Mariazinha ou Mainha. Assim ela era chamada, mas quem era essa mulher que na sua invisibilidade fez história e tornou-se exemplo de amor para todos e todas que a conheceu?

Não, ela não escreveu um livro, mas poderia ter inscrito. Ela descobriu uma fórmula científica? Também não, mas poderia ter feito. Dona Mariazinha era a sexta filha de um casal cheio de amor e de vida, fazendo por merecerem os nomes que lhes foram dados, Srº Jovem e Dona Nenê.

Dona Mariazinha era alta, magra, bem magrinha, ou melhor, miudinha, que só combinava no diminutivo mesmo, cor da pele parda, cabelos ondulados e muito trabalhadeira. Desde cedo aprendeu a costurar, até porque, naquela época as mulheres desenvolviam alguma habilidade para se casarem mais rápido e não ficarem para titias. Sim, titias, era assim que eram chamadas as mulheres que não conseguiam arrumar um casamento, ter filhos e constituírem famílias. Havia uma pressão muito grande, já que para ser bem sucedida na vida, não precisava estudar, trabalhar, ser independente, mas sim, ter um marido, afinal de contas, a mulher nasceu pra isso. Também não podia namorar muito, pois se não ficaria falada. Era assim que diziam as mulheres mais velhas, beatas da igreja e toda a sociedade machista reproduzia.

Menina, e não é que Dona Mariazinha se casou cedo, mesmo. Jovem, ainda muito menina, com apenas dezesseis anos, casou-se com seu primeiro namorado e foram morar na zona rural, lugarzinho tranquilo. Tranquilo até demais, sem energia, sem água, casa simples, mas aconchegante para recém casados. Depois de pouco tempo de casados, acredito que meses, veio a boa nova, Dona Mariazinha estava grávida do seu primeiro filho, era um menino. Logo veio a segunda gravidez, uma menina, a terceira, a quarta e a quinta, sim, cinco filhos eles tiveram.



Também naquele tempo, não tinha nem televisão pra entreter. E assim os filhos iam crescendo, agora as coisas estavam mais difíceis, só o marido trabalhava na roça, depois como guarda noturno, mas com o dinheiro pouco, tudo era regrado. Como Mariazinha cuidava dos filhos e das filhas, não tinha como costurar para fora e ajudar o seu marido, e assim percorria-se na vida, como água de rio que percorre vencendo os obstáculos.

Às vezes, seu marido bebia, o que a deixava muito triste, pois sabia das necessidades de sua casa, pensava nos filhos e que não podia lhes faltar nada. Motivo que, por muitas vezes, se ajoelhava e rezava. Ela nunca se desesperou, por mais difícil que parecesse um problema, calma, voz branda, rezava e entregava tudo a Nossa Senhora de quem era devota. E assim a vida se refazia, dia após dia, vivendo-os um dia de cada vez.



Em meio a tudo isso chegou o momento de os meninos estudarem e no lugar que moravam não tinha escola, o que fez toda a família se mudar para a cidade. De início viveu em casa alugada, com o tempo, começou a construir aos poucos sua própria casinha.



Logo, sem conseguir pagar aluguel, veio para dentro de sua nova casa. Ainda, sem energia, era o lugar mais aconchegante que existia, à noite, à luz de candeeiro, todos sentados em círculo contavam e ouviam histórias. O tempo passava, as dificuldades vinham, mas na mansidão de uma mulher sábia, ela não esbravejava, mas se colocava em oração. E assim, seus filhos cresceram, constituíram suas carreiras profissionais, suas famílias, chegaram os netos e a vida ganhava cada vez mais sentido e resiliência, e tudo ficou mais fácil.

Posso imaginar que quem está lendo esta história esteja se perguntando, cadê o clímax dessa história? Aquele acontecimento de final de novela, que deixa o leitor suspenso? Na verdade, não há, o que verdadeiramente encanta nesta narrativa são os desafios enfrentados e superados, como a vida sugere.

Dona Mariazinha partiu desse plano terrestre há pouco tempo, mas deixou um legado que ninguém conseguiu tirar dela, a virtude da paciência, do amor, da dedicação a todos (as) a sua volta, exemplo de mulher de fé, do amor não apenas como sentimento, mas principalmente, enquanto atitude e ação, como a ativista bell hooks nos ensina.

12. Véspera de natal

Não, não era um dia qualquer, era o dia que antecede a noite de Natal. Nenhum dia como esse é um dia comum, mesmo que seja uma segunda-feira. Foi aí que decidi ir ao local de trabalho daquelas mulheres e entregar alguns brindes. Às quatorze horas, chegando lá, encontrei apenas duas mulheres, achei estranho, e logo compreendi o que havia acontecido. Diante de um cenário ainda mais devastador, algo que nunca pensei que pudesse se tornar, estavam as cinzas, a penugem no ar e os focos de fumaça aleatórios, avisando que ainda havia fogo naquele ambiente. Mesmo assim, aquelas mulheres estavam ali. Aproximei-me, conversei um pouco, perguntando o que tinha acontecido. Foi quando Ana Lúcia, sempre muito quieta, resolveu falar. A máquina remexeu o lixo e os materiais como bateria de celular ou spray aerossol, possivelmente explodiu e tudo pegou fogo. Por isso que as outras catadoras não vieram, não compensa, está tudo destruído. Sem muito o que falar, apenas demonstrei meus sentimentos, entreguei o brinde e já estava indo embora, quando dona Magnólia sogra de Ana Lúcia me perguntou: - O que é o Natal pra você? Muito surpresa, pois naquele espaço, como sempre fui a mulher que fazia perguntas, nunca o contrário. Essa pergunta poderia ter partido de mim e não dela. Mesmo assim, com o sol no meio do céu e o fogo ainda em brasa, havia uma disputa para saber qual dos dois estavam mais fortes. Respondi, no ímpeto de sair mais rápido daquele lugar que fazia arder a minha pele e o meu coração por presenciar tanta injustiça, deve ser o sentimentalismo natalino. Mas como disse, respondi:

- Natal é comemorar o aniversário de Jesus, aquele que veio ao mundo para nos salvar e que nos sustenta todos os dias. A comemoração tem que ser em família, com as pessoas mais próximas, pessoas que a gente ama, que faz parte da nossa vida. E olhando pra mim, bem reflexiva, ela respondeu: - Eu não entendo porque para alguns isso é permitido e para outros, não. Muitos não têm o que comer nesta tão sonhada noite de Natal, outros com mesas fartas, cheia de todo tipo de comida e bebida que daria para alimentar um caminhão de gente, se esquecem dos que estão atrás daquelas bonitas janelas enfeitadas.

Que filho de Deus é esse que escolhe quem poderá ou não comemorar seu aniversário? Nesse momento, realmente fiquei sem resposta, apenas a olhei firme e tentei compreender o seu lugar de fala, o que ela enunciava estava à mostra a partir daquela realidade. Ela continuou:- tenho duas crianças, elas assistem televisão e muitas vezes veem toda beleza das festas natalinas, das compras e vendas de brinquedos do papai Noel, e por muitas vezes, me perguntaram por que não podemos ter pelo ou menos uma noite com comida diferente e um brinquedo dado por papai Noel? e por muitas vezes, eu não soube o que responder. Penso que o verdadeiro sentido do Natal não é o consumo, escondido na participação do Papai Noel, mas uma noite solidária em que as pessoas abrissem as portas das suas casa e acolhessem os humildes, as crianças e os idosos que vivem nas ruas ou que na sua limitação não têm o que servir para seus filhos e filhas. Que não fosse apenas, mais uma noite que reafirma a desigualdade social, mas que fosse algo grandioso de partilha, a exemplo da ceia que Jesus participou com seus discípulos, dividindo o pão e o vinho, nos ensinando que na verdade nada é meu ou seu, tudo deveria ser compartilhado, só assim haveria uma sociedade mais justa, mais digna de ser vivida. Sabe, às vezes é cansativo viver nossa numa sociedade tão desigual, em que alguns têm tanto e outros praticamente, nada.

Aquele dia, realmente não foi um dia comum, mas um dia de grande aprendizado e de reflexões. Aquelas mulheres, as catadores de materiais recicláveis, tinham toda razão, o ambiente que elas trabalhavam estava destruído pelo fogo, mas não era apenas o ambiente externo, dentro delas havia a destruição da esperança, da fé na humanidade e mesmo com o coração em cinzas, havia um fio de fumaça tentando sobreviver e a vida reinventar.

E assim eu gostaria que fosse a minha última história do livro de memórias, num cotidiano árduo das mulheres que desempenham o papel de mãe, filha, doméstica, avó e por ser seu próprio lar, nada as definem. Sou mulher e isso basta!



2. *Mulheres e seus Poderes de transformação.*

Qual é o seu poder?





Sou Ana Maria dos Santos, tenho 58 anos, sou mãe de dois filhos e trabalho como catadora de materiais recicláveis. **O meu poder de transformação é:** Ser uma mulher forte que luta pela família.

Sou Maria Lidinei dos Santos Oliveira, tenho 28 anos, sou mãe de dois meninos e trabalho como catadora de materiais recicláveis. **O meu poder de transformação é:** Ser mãe e consegui alimento todos os dias para os meus filhos.





Sou Nádía Helena de Jesus Santos tenho 36 anos, tenho cinco filhos, sou catadora. **O meu poder de transformação** é: ser catadora de material reciclável e diminuir o lixo no mundo, além de colocar a comida dentro de casa com o suor do



Sou Ana Lúcia Jesus Vidal, tenho 49 anos, tenho um filho, sou mãe solo e ganho a vida sendo catadora de material reciclável. **O meu poder de transformação é:** lutar diariamente pelo sustento do meu filho e trabalhar para que ele tenha uma vida melhor.



Sou Sandra Dias dos Santos, tenho 45 anos, sou mãe de 10 filhos e trabalho como catadora de material reciclável há 10 anos. **O meu poder de transformação é:** ser uma batalhadora e não deixar faltar alimento para a minha família.



Sou Eliane Santos de Oliveira tenho 32 anos tenho dois filhos. Sou catadora de material reciclável, com orgulho, pois é por meio desse trabalho e do auxílio do governo que sustento meus filhos. **O meu poder de transformação é:** nunca desistir, por difícil que seja, levanto e enfrento a realidade.



Sou Maria José de Jesus Santos tenho 54 anos e 15 filhos, trabalho há muito tempo como catadora de material reciclável. O meu poder de transformação são muitos: ser trabalhadeira, tomar conta da minha casa, dos meus filhos, colocar comida em



Me chamo Renilda de Jesus Santos tenho 49 anos, 5 filhos, sou descendente de indígenas, moradora da comunidade Cascalheira e trabalho há dezoito anos como catadora de materiais recicláveis. **Meu poder de transformação** é tentar amenizar as dores dessa vida de quem convive comigo, às vezes esquecendo até de mim.

Agradecimentos

Agradecer a Deus pelo dom da vida

A João e a Eduarda, por serem meus amores

A Fabinho, companheiro de uma jornada linda e infinita

A meu pai e a minha mãe, pela formação humana

A meus irmãos porto seguro

Meus sobrinhos presentes da vida

Meus cunhados pelo carinho de sempre

Meu genro pelo respeito e afeto

As catadoras por abrirem suas vidas

As amigas Ani e Sthefany por serem quem são

A katinei pela troca de aprendizado e ternura

Aos professores Jaldemir e Maique por serem pontes

A professora Márcia e Vanessa pela confiança e inspiração

Enfim, gratidão a todos e todas que contribuíram com a mulher que habita em mim.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memórias**. 2 ed. Florianópolis: mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

PE. ZEZINHO. **Música utopia**, 1990. Álbum: Os melhores momentos. Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/254863/>